

CATÃO EM PLYMOUTH *

José Baptista de Sousa

Os Velhos, os Meninos, toda a gente
Tractarão com affecto os Portugueses.
Estes tambem com elles se portarão
Com tanto brio, e garbo, que parece
Formarem todos uma só familia.

(*Descripçam das trez cidades unidas*, anónimo)

O primeiro surto migratório de exilados políticos portugueses para Inglaterra com algum significado numérico, seguiu-se de imediato ao advento monárquico-tradicionalista da *vilafrancada*, em 1823, altura em que uma série de liberais ligados ao *vintismo* abraçou o desterro repartido entre Paris e Londres, entre os quais se destacou o próprio Almeida Garrett, então jovem de 24 anos e o último a colher autorização para regressar a Portugal, quase dois anos depois, já ao abrigo das liberdades outorgadas pela *Carta Constitucional*¹.

* Artigo elaborado a partir de uma conferência proferida na “Jornada de Estudos Garrettianos” (Universidade de Oxford, 26 Nov. 1999). Trata-se de versão aumentada e melhorada, sujeita ao crivo de nova e mais cuidada, apenas possível graças à consulta de periódicos da época e à informação obtida junto de diversas instituições, bibliotecas e arquivos da Grã-Bretanha, entre as quais destaque: Plymouth Library and Information Services, Plymouth Theatre Royal Ltd., Saltram House (património de The National Trust for Places of Historic Interest or Natural Beauty — Devon Regional Office), Birmingham Public Library e British Library (Newspaper Library), agradecendo, em particular, a Tricia Andrews e M. Huggins pelo acesso ao periódico *Devonport Telegraph & Plymouth Chronicle*; a Paula Oliveira, da Biblioteca Pública Municipal do Porto, pela cedência de uma cópia do jornal *O Portuguez Emigrado* e ao Luís Augusto Costa Dias, pela disponibilidade para o debate.

¹ Luís Augusto Costa Dias, “Introdução”. In: *Almeida Garrett: obra poética — escritos do vintismo (1820-23)*. Lisboa: editorial estampa, imp. 1985, pp. 114-8. O despacho da Intendência da Polícia autorizando Garrett a regressar a Portugal data de 24 de Maio de 1826.

Porém, o mais extenso e prolongado êxodo de emigrados políticos portugueses para as ilhas britânicas — assumindo proporções verdadeiramente bíblicas —, teve lugar em meados de 1828, logo após os primeiros sinais do ‘assalto ao trono’ pelos miguelistas e, sobretudo, na sequência do malogro da *belfastada*. Neste segundo episódio, não foram apenas elementos mais directamente ligados à experiência *vintista* que procuraram protecção sob o estandarte britânico, mas todos aqueles que comungavam de um ideário liberal, quer se tratasse de *cartistas* convictos de primeira hora, de moderados convertidos à experiência *cartista* de 1826, ou à corte de uma primeira nobreza liberal que seguiu os interesses de D. Pedro.

Chegaram ao sul da Inglaterra, aos portos de Falmouth, Portsmouth e Plymouth, vindos da Corunha e do Ferrol, num total que ascendeu a mais de dois milhares de refugiados de todas as classes sociais. Concordam os registos memorialísticos coevos de Joaquim da Silva Maia² e Simão da Luz Soriano³, que o número total de proscritos foi de 2.386⁴, na sua maioria amontoados em barracões na cidade de Plymouth⁵, designados então oficialmente por ‘Depósito Geral’, onde permaneceram meses a fio e em condições sub-humanas.

Situados na zona portuária, onde tinham até aí servido para o armazenamento de madeiras destinadas às obras de ampliação do quebra-mar, ‘...empreza vastíssima que começou no reinado de Guilherme 3.º e d’então para cá se tem melhorado cada vez mais...’⁶, os barracões careciam de quase tudo, como nos informa Joaquim da Silva Maia:

² Joaquim José da Silva Maia, *Memórias Historicas, Politicas e Philosophicas da Revolução do Porto em Maio de 1828 e dos Emigrados Portuguezes pela Hespanha, Inglaterra, França e Belgica: Obra Postuma de...*. Rio de Janeiro: Typographia de Laemmert, 1841, p. 155.

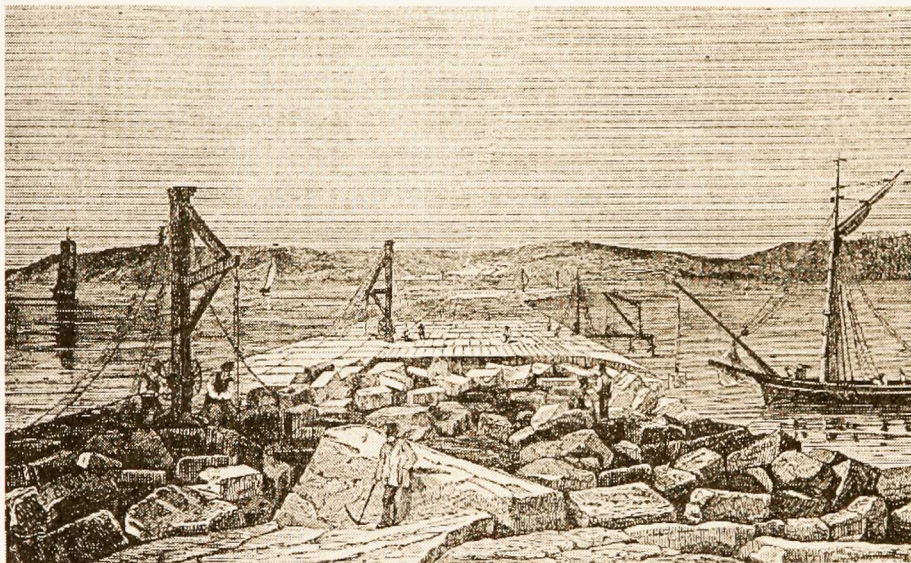
³ Simão José da Luz Soriano, *Revelações da Minha Vida e Memórias de Alguns Factos, e Homens Meus Contemporaneos* (2 vols.). Lisboa: Typographia Universal, 1860, p. 417.

⁴ Segundo José Liberato Freire Carvalho, o número de refugiados reunidos em Plymouth rondava os 4.000 (*Memórias com o titulo de annaes, para a historia do tempo que durou a usurpação de D. Miguel por José Liberato Freire de Carvalho*. Lisboa: Na Imprensa Nevesiana, 1841, vol. 1, p. 103).

⁵ Plymouth — ou “Boca do Plym”, rio que forma, juntamente com o Tamar, o enorme estuário em cujas margens se ergue a cidade e um dos maiores portos marítimos da Inglaterra — integrava, no início do século XIX, o complexo urbano conhecido por “The Three Towns”, juntamente com Devon e Stonehouse. Situado no Condado de Devonshire, o conjunto das “três cidades” recenseava, em 1821, 61.212 habitantes, 76.001 em 1831, pelo que, se juntarmos o número de exilados referidos por Maia e Soriano, o número total de residentes em 1828 deveria rondar os 76.000.

⁶ “O porto e quebra-mar de Plymouth”. In: *O Panorama*, vol. 3, n. 122 (31 Ago. 1839), p. 274.

...inteiramente desabrigados, sem janellas de vidraça, sem qualidade alguma de bancos, cadeiras, ou camas; deitaram-lhe avulso huma pouca de palha, que renovavão de 15 em 15 dias, e que se tornava um excellente esterco, porque sendo o local dos armazens pantanoso e cheio de lama, os emigrados que não tinham aonde limpar os sapatos, com elles enlamaedos andavão por cima das palhas...⁷



Construção do quebra-mar de Plymouth. In: *O Panorama*. Lisboa. Vol. 3, n. 122 (31 Ago. 1839), p. [273].

Apenas a um número restrito de privilegiados foi dada possibilidade de recorrer aos 'lodgings' e aos hotéis, ou mesmo a viver em Londres, '...sustentados á cavalheira, e muitos delles melhor do que seriam nas suas proprias casas em Portugal'⁸.

Garrett e a mulher, a bonita Luísa Midosi, partiram para o exílio incerto na Inglaterra em princípios de Junho de 1828⁹,

⁷ Maia, op. cit., p. 164.

⁸ Soriano, op. cit., p. 397.

⁹ Foram dois os exílios de Almeida Garrett para a Inglaterra, isto se pusermos de parte, pelo menos mais duas passagens breves pela Grã-Bretanha, uma em 1832-33, e outra em 1833, mas que, não obstante as peripécias que as envolveram — sobretudo a primeira —, difficilmente poderão ser consideradas no capítulo dos exílios. O primeiro, o que mais terá contribuído para a formação literária de Garrett, deu-se entre os meses de Setembro de 1823 e Janeiro de

também via Ferrol, e desembarcaram em Falmouth a 19 desse mês, partindo, logo se seguida, para Londres, onde, durante os primeiros meses, a par da tragédia — essa sim bem real! — vivida pelos emigrados de Plymouth, residiram confortavelmente no número 13 de Oxendon St. Haymarket, graças à assistência do Visconde de Itabaiana. Garrett aproveita o relativo desafogo financeiro para fazer repetidas visitas à Biblioteca do British Museum e, lembra Lia Raitt, às ‘...excellent Portuguese libraries of the well-known bibliophiles Gooden and Richard Heber’¹⁰.

São deste período alguns dos seus romances populares mais famosos, como *Adozinda* e *Bernal-Francez*, matéria da literatura tradicional já anteriormente recolhida¹¹, agora inspirada nos *minstrelsies* de Walter Scott, apreciada por alguns lusófilos de renome, mormente John Adamson, Kinsey e Robert Southey. E foi, justamente, no final desse ano de 1828, que o *Catão* de Almeida Garrett foi levado à cena na cidade portuária de Plymouth; passeava-se o autor pelas avenidas da capital britânica, no *fashionável* ‘...West-End de Londres...’¹², exibindo invejável guarda roupa, cuja venda, já nos finais de 1831, lhe permitiu comprar passagem para França e integrar o exército libertador de D. Pedro.

A peça, dada à estampa pela Impressão Liberal em 1822, foi representada pela ‘...primeira vez, em Lisboa, por uma sociedade de curiosos...’¹³, em 29 de Setembro de 1821, no Teatro do Bairro Alto; no ano seguinte, subia de novo à cena, desta feita em Leiria, também por um grupo amador e, em 1826, era representada na cidade de Santarém.

Também exilada na geral proscrição de 1828, [a tragédia] veio aparecer em Plimute [sic.]...’¹⁴, informa o próprio Almeida Garrett, tendo sido representada, segundo Carlos Estorninho,

1824, e foi passado em Edgbaston, na residência de campo dos Hadley — família burguesa de Birmingham; e o segundo, compreendido entre Junho de 1828 e Dezembro de 1831, foi “marcado pela sua intensíssima actividade política e literária” (Carlos Estorninho, Garrett e a Inglaterra. Lisboa: Faculdade de Letras, 1955).

¹⁰ Lia Noémia Raitt, Garrett and the English Muse. London: Tamesis Books Limited, 1983, p. 9.

¹¹ Luís Augusto Costa Dias, Os papelinhos de Garrett, Sintra: Câmara Municipal, 1988.

¹² Garrett, Almeida, Helena. Cap. III. In: Obras de Almeida Garrett (2 vols.). Porto: Lello & Irmão — Editores, 1963, vol. 1, p. 408.

¹³ Garrett, Almeida [Prefácio à segunda edição de] *Catão*. Londres: 15 de Abril de 1830. In: *Obras de Almeida Garrett*, op. cit., vol. 2, p. 1615.

¹⁴ Ibid.

‘...em três sucessivos espectáculos...’¹⁵, (24 de Outubro, 1 e 23 de Dezembro de 1828), não obstante os dois testemunhos aqui seguidos, quer as *Memorias* de Joaquim da Silva Maia¹⁶, quer as *Revelações* de Simão da Luz Soriano¹⁷, concordarem que o *Catão* subiu à cena quatro vezes.

Os desacertos relativamente às datas da representação da tragédia surgiriam décadas mais tarde: na sua *Historia da Guerra Civil*, Soriano assevera que se realizaram ‘...tres noite[s] de recita’¹⁸, desdizendo o que havia afirmado vinte e três anos antes. Não deixa de ser desconcertante esta contradição em duas obras de um mesmo autor, sobretudo sabendo que Soriano, à semelhança de Joaquim da Silva Maia, testemunhou o acontecimento. Poderá pensar-se ter havido uma gralha por parte de Maia, visto que as suas *Memórias* antecederam em quase vinte anos as *Revelações* de Luz Soriano, tendo este último reincidido no erro alheio.

Já na edição das suas *Poesias Diversas*, Soriano especificara que a tragédia *Catão* foi ‘...recitada no Real Theatro de Plymouth, em a noite do dia 23 de Dezembro de 1828...’¹⁹, precisando mais tarde, na *Historia da Guerra Civil*, que essa fora a terceira e última récita do ciclo *Catão*, ‘...tendo a primeira tido lugar na noite de 24 de outubro e a segunda na noite de 1 de dezembro’²⁰. Segundo os periódicos da época a que tive acesso, somente este último espectáculo, porventura o mais importante, foi objecto de notícia, referindo o inglês *Devonport Telegraph*: ‘The second representation of the Portuguese amateurs on Monday last was attended by a very brilliant and crowded audience. [...] The tragedy of *Cato* followed’²¹, acrescentando *O Portuguez Emigrado*:

We are authorized to state, that neither general Stubbs, the Commander of the Depos of the Portuguese Emigrants,

¹⁵ Baseado em uma enigmática obra (ou artigo) de Peter Davey intitulada *The Chronicles of the county theatres of the South of England* que não pude localizar. Estorninho, op. cit., p. 27.

¹⁶ Maia, op. cit., p. 178.

¹⁷ Soriano, op. cit., p. 418.

¹⁸ Simão José da Luz Soriano, *Historia da Guerra Civil e do Estabelecimento do Governo Parlamentar em Portugal: comprehendendo a historia diplomatica, militar e politica deste reino desde 1777 até 1834*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1883, Terceira Epoca, t. III, parte I, p. 214.

¹⁹ Simão José da Luz Soriano, *Poesias Diversas*. Angra: Imprensa do Governo, 1832, p. 4.

²⁰ Soriano, *Historia da Guerra Civil*, op. cit., p. 214.

²¹ “[Representação do *Catão* em Plymouth]”. In: *The Royal Devonport Telegraph & Plymouth Chronicle*. (6 Dec. 1828), p. 3.

nor any of the Portuguese Authorities, communicated to the audience to the Theatre on the 1st Inst. [December] the death of Don Miguel, as was inadvertently stated by the Journal of this town.²²

Segundo 'Uma recita em Plymouth', artigo publicado em 1874 em o *Almanach Insulano*, a peça teria subido à cena em Janeiro de 1829, '...quando os emigrados portugueses residentes em Plymouth se preparavam a embarcar para esta ilha Terceira...' ²³ Teófilo Braga, talvez com base nesta informação, referiu em as *Modernas Ideias* que '...os emigrados portugueses, em 1829, representavam em Plymouth a sua tragédia *Catão*...' ²⁴, o que levou Vitorino Nemésio, em os *Exilados*, a classificar a afirmação de 'inexacta' ²⁵.

Porém, já nas *Memorias Biographicas*, Gomes de Amorim acusara o autor dos artigos 'Escavações historicas' e 'Anotações', que faziam referência à representação da tragédia em Inglaterra, de ter cometido sérias 'calinadas':

Fallando da representação do *Catão*, em Plymouth, affirmou ter sido em janeiro de 1829. Garrett, que devia saber d'isso, escreveu 1828. E Simão José da Luz Soriano [...] conta que se deram tres récitas, a primeira a 24 de outubro, a segunda em 1, e a terceira em 23 de dezembro de 1828. É desta que falla o critico, ignorando que tivesse havido outras duas [...]. Foi, pois, em outubro e dezembro de 1828, e não em janeiro de 1829, como erradamente assevera ²⁶.

Ora, dado que estes artigos foram, segundo Amorim, publicados na imprensa lisboeta no mesmo ano em que se editou o primeiro tomo das *Memorias Biographicas*, (isto é, em 1881), e

²² "[Desmentido à notícia da morte de D. Miguel]". In: *O Portuguez Emigrado: ou o realista constitucional = The Portuguese Emigrant: or constitutional Royalist*. — Plymouth: W. W. Arliss. — N. 10 (9 Dec. 1828), p. 74. O jornal local que o artigo refere, é o *Devenport Telegraph & Plymouth Chronicle*.

²³ "Uma recita em Plymouth". In: *Almanach Insulano para Açores e Madeira: Estatístico, Histórico e Litterario para o Anno de 1874*. Angra do Heroísmo: Typ. da Terceira. — (1874), p. 228.

²⁴ Teófilo Braga, *As Modernas Ideias da Litteratura Portuguesa* (2 vols.), Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1892, vol. 1, p. 34.

²⁵ Vitorino Nemésio, *Exilados 1828-1832: História Sentimental e Política do Liberalismo na Emigração*. Lisboa: Livraria Bertrand, [s. d.], pp. 57-8, nota n. 17.

²⁶ Francisco Gomes de Amorim, *Garrett: Memorias Biographicas* (3 vols.). Lisboa: Imprensa Nacional, 1881-84, vol. 1, pp. 582-3.

dado, ainda, que o artigo ‘Uma recita em Plymouth’ os antecedeu em sete anos, dá ideia que o autor de ‘Escavações históricas’ e ‘Anotações’ foi documentar-se no artigo do *Almanach Insulano*, transmitindo-se, assim, a gafe de autor para autor.

Finalmente, num ofício de Cândido Xavier, director do Depósito Geral de Plymouth, dirigido ao Marquês de Palmela, embaixador de D. Pedro em Londres, com data de 15 de Outubro de 1828 (portanto anterior à data apontada por Davey e Soriano para a primeira representação da tragédia), informa terem tido lugar três noites de espectáculo:

Os voluntarios pedirão-me licença para representarem hum elogio e huma pessa, no Quartel, onde, pela sua industria, arranjárão elles mesmos tudo. Hoje acabarão as tres noutes, e[m] que lhes permitti esse divertimento. Tudo, ate aqui, se tem passado na maior satisfação, e tranquillidade ²⁷.

Defendi, quer na conferência que proferi no Colóquio ‘De Garrett ao neo-garrettismo’ (Fórum da Maia, 22 e 23 de Maio de 1999) ²⁸, quer na que apresentei à ‘Jornada de Estudos Garretianos’ (Oxford, 26 de Novembro de 1999) ²⁹, com base nos elementos de que então dispunha, que as representações do *Catão* em Plymouth tinham ocorrido em 24 de Outubro, 1, 21 e 23 de Dezembro de 1828, o que perfazia um total de quatro espectáculos. Já em posse de novas informações, que, entretanto, fui recolhendo ou que me foram enviadas da Grã-Bretanha, sou levado a tirar conclusões diversas, e que, de algum modo, vêm alterar substancialmente o modelo que venho defendendo nestes últimos anos relativamente ao posicionamento de Almeida Garrett no xadrez político e social da época: adivinha-se já um ‘Garrett Gordo’ — em oposição ao ‘Jovem Garrett’ ³⁰ do *vintismo* ou, mes-

²⁷ Cândido José Xavier, [Ofício N. 23, de 15 de Outubro de 1828, ao Marquês de Palmela]. Ms. A.N.T.T., M.N.E., [Documentos relativos à Legação Portuguesa em Londres] Cx. 164.

²⁸ “*Catão* em Plymouth: controvérsias da representação da tragédia em Inglaterra (1828)”. In: *De Garrett ao neo-garrettismo. Actas do Colóquio*. Maia: Câmara Municipal da Maia, 1999, pp. 75-90.

²⁹ “*Catão* em Plymouth”. Disponível em: http://www.bn.pt/autores/garrett/programa/jornada_est_garretianos.html [16 Nov. 2001].

³⁰ Luís Augusto Costa Dias, “Introdução”. In: *Almeida Garrett: obra política — escritos do vintismo (1820-23)*, op. cit., p. 101: “... o Jovem Garrett, tolhido na esperança que traduzira em empenhamento doutrinário e militante, emerge por entre as costuras dos compromissos, tenuamente, aí onde a revolução parecia não poder defender-se.”

mo, ao Garrett da 'doutrinação da sociedade liberal'³¹ — cujo comprometimento ao regime não terá já — e não tem jamais — retorno. Não foi, pois, por acaso que Palmela o nomeia, em 16 de Abril de 1829, adido cultural da Embaixada, cargo que exerceu, pelo menos, até Março de 1831, e que lhe abriu as portas da mais fina Sociedade londrina, nomeadamente da Holland House.

Temos, na realidade, duas séries de representações em Plymouth no Outono de 1828, contudo distintas do ponto de vista dos conteúdos dramáticos, organização, motivação e objetivos políticos.

A primeira, teve lugar no Depósito Geral no período compreendido entre 1 e 14 de Outubro em três noites sucessivas, foi composta por representações dramáticas mais ou menos improvisadas (uma peça, trechos musicais, declamações, etc.), e foi levada a cabo graças ao empenho e boa vontade dos emigrados da 6.^a classe, isto é, os mais desfavorecidos³².

A ideia de produzir estes espectáculos em Plymouth, surge por ocasião da chegada da jovem Infanta D. Maria da Glória a Inglaterra, ao porto de Falmouth, pelas nove horas da manhã do dia 24 de Setembro de 1828³³. Leia-se em Joaquim da Silva Maia, o entusiasmo dos exilados: 'Apesar da sua falta de meios, abrirão huma subscrição entre si, e alguns amigos; construíram no barracão hum cenário...³⁴' Aí representaram a comédia *Elvira*, de João Xavier de Matos, a que se seguiram outras variedades: récitas musicais, declamação de poesias, etc. A experiência gozou de tanto êxito, que foi repetida nos dois dias seguintes, e talvez por isso mesmo, Cândido José Xavier, '...teve a fraqueza, no terceiro dia, de proibir a peça, e fechar o

³¹ Luís Augusto Costa Dias, "Introdução". In: *Almeida Garrett: obra política — doutrinação da sociedade liberal (1824-27)*. Lisboa: editorial estampa, 1991.

³² Quando se formou o campo de refugiados políticos portugueses em Plymouth, designado por "Depósito Geral", o Marquês de Palmela estabeleceu um critério para a atribuição de subsídios, que consistiu na divisão dos emigrados em seis classes distintas, de acordo com o seu estatuto social e/ou categoria profissional: 1.^a oficiais gerais e estado maior; 2.^a oficiais de primeira linha; 3.^a oficiais de segunda linha, voluntários e ordenanças; 4.^a funcionários públicos (magistrados, oficiais de Fazenda, Justiça, etc.); 5.^a sacerdotes, negociantes, proprietários e outras classes não assalariadas pelo estado; 6.^a praças de pret de primeira e segunda linhas, voluntários, criados de servir, etc. Os indivíduos das primeiras cinco classes beneficiaram de alojamento em casas particulares ou hospedarias, e somente os da 6.^a classe, a esmagadora maioria, foram agrupados nos Depósitos de Plymouth.

³³ Cândido José Xavier, [Ordem do Dia N. 28, de 24 de Setembro de 1828]. Ms. A.N.T.T., M.N.E., [Documentos relativos à Legação Portuguesa em Londres] Cx. 161.

³⁴ Maia, op. cit., p. 176.

theatro...'³⁵ Esta informação é confirmada pelo próprio Comandante do Depósito, no referido ofício dirigido ao Marquês de Palmela, ao afirmar que: 'Hoje acabarão as tres noutes, e[m] que lhes permitti esse divertimento'³⁶.

É que o ânimo dos refugiados portugueses, há meses amontoados em miseráveis barracões à beira-mar, ou simplesmente apinhados em paquetes sem as mínimas condições de higiene, foi subitamente levantado por esta experiência teatral, ou porque esta tivesse enchido '...os emigrados de patrióticos alentos e de compensações clássicas aos vexames do despotismo'³⁷, ou, simplesmente, por ter sublimado a dor e o sofrimento de muitos meses de desterro. Talvez por isso mesmo, Cândido Xavier resolveu pôr cobro ao novo entretenimento dos emigrados — ou porque lhe convinha manter certa apatia entre os subalternos, ou por recear algum levantamento motivado pelos ânimos inflamados de milhares de homens, há meses em situação desesperada, e conduzir a manifestações de repúdio pela administração de Palmela, como, aliás, veio a verificar-se. Segundo Silva Maia:

...os Voluntarios ultrapassarão então os limites da moderação; huma multidão de versos epigrammaticos de todas as especies cahirão sobre a administração; C. J. Xavier, o Marquez de Palmella e seus adherentes não eram poupados em taes versos...³⁸

Estamos, evidentemente, em presença de uma manifestação lúdica de carácter popular — cuja função psico-social de libertação *catártica* é perceptível —, mas que, a pretexto de assinalar a chegada da jovem infanta Dona Maria à Grã-Bretanha, acabou por degenerar em movimento de protesto e reivindicação por melhores condições de existência.

A segunda série de espectáculos, teve lugar no Theatre Royal de Plymouth em 24 de Outubro, 1 e 23 de Dezembro, e incluiu, para além do *Catão*, um '...elogio dramatico allegorico á alliança que existe entre Inglaterra, Portugal e Brasil...' ³⁹, de João Eduardo, tendo a ela assistido '...very brilliant and crowded audience' ⁴⁰.

³⁵ *ibid.*

³⁶ Cândido José Xavier, Ms. cit. A.N.T.T., M.N.E. [Documentos relativos à Legação Portuguesa em Londres] Cx. 164.

³⁷ Nemésio, *op. cit.*, p. 57.

³⁸ Maia, *op. cit.*, p. 177.

³⁹ Maia, *op. cit.*, p. 178.

⁴⁰ [Representação do *Catão* em Plymouth]. In: *The Royal Devonport Telegraph Plymouth Chronicle*. (6 Dec. 1828), p. 3.

Contrariamente à primeira série de representações, trata-se aqui de três espectáculos bem preparados, com recurso a meios económicos de maior fôlego — provavelmente com fundos disponibilizados pelo próprio Marquês de Palmela através do Comandante do Depósito Geral. Contrariando a afirmação de Teófilo Braga, de que a representação do *Catão* serviu aos emigrados ‘...para distrahirem-se...’⁴¹ tratou-se, neste caso, não de ingénua manifestação de carácter popular, mas muito mais de uma reacção de uma elite liberal à provocação e mal estar causados pelas anteriores representações, tendo, por isso, assumido a forma de espectáculos da e para a sociedade.

Não foi, pois, por acaso que a escolha de uma peça para subir ao palco do grande Theatre Royal de Plymouth recaiu sobre o *Catão*. Para além da tragédia ter sido inspirada no *Cato* de Addison, por isso ‘...mais acessível de compreender pelo publico britanico...’⁴², lembra Paulo Midosi (Júnior), ‘...associa-se a uma grande epopeia nacional, e tem por fim recordar as ultimas agonias de uma das republicas da antiguidade mais solidamente constituídas’⁴³.

Mas a escolha da tragédia foi sobretudo manobra de reflectido charme diplomático para impressionar a opinião pública britânica, ainda desfavorável à causa liberal portuguesa. Garrett era já sobejamente conhecido nas altas esferas da Sociedade londrina — quer nos meios culturais, quer nos círculos estritamente políticos —, e o *Catão* assumia, naquele contexto sócio-político, metáfora viva dos vetustos laços de amizade entre as duas nações, subentendendo-se, pois, claro apelo ao auxílio da Grã-Bretanha à causa da Jovem Infanta, também ela proscrita, e que tardava em chegar⁴⁴.

O proprietário do Theatre Royal Plymouth, John Parker⁴⁵, ingressou na House of Lords pouco tempo depois de ter concluí-

⁴¹ Braga, op. cit., p. 34.

⁴² *Almanach Insulano*, op. cit., p. 228.

⁴³ Paulo Midosi [Júnior], “Os ensaios do *Catão*”. In: *Diario de Noticias* — Lisboa. — A. 14, n. 4551 (11 Out. 1828), p. [1].

⁴⁴ Outros motivos, estes menos nobres, têm sido avançados para explicar a escolha do *Catão*: afiança Gomes de Amorim, que é falso que Garrett tenha participado “...da farta distribuição dada aos protegidos, como em Londres espalharam inimigos e invejosos da sua gloria. A acusação provinha do seu parentesco com o secretario do deposito de Plymouth.” (op. cit, vol. 1, p. 452). Não obstante o génio dramaturgico de Garrett ou a inquestionável qualidade dramática do *Catão*, a verdade é que a sua amizade e laços familiares com Paulo Midosi, homem da confiança de Palmela e Cândido Xavier e que exercia, à época, funções de tesoureiro do Depósito Geral, não só não passaram despercebidas aos olhos dos emigrados, como lhe valeram duríssimas criticas.

⁴⁵ John Parker (1772-1840), segundo Baron Boringdon e primeiro Earl of Morley, popularmente conhecido por “Borino”, diminutivo de Boringdon (*Saltram*

do a sua formação universitária em Oxford, alinhando inicialmente com a linha 'Tory' e, após a morte de Pitt, com o partido 'Whig'. Apoiou a política de Canning, com quem estabeleceu relações de amizade em Oxford, bem como com Lord Liverpool e Lord Granville ⁴⁶. À semelhança do que fez Lord Holland em Londres ⁴⁷, Parker parece ter, senão explicitamente apoiado, pelo menos simpatizado com a causa liberal portuguesa; ambos ti-

Guide Book. Devon: National Trust, 1998, p. 48), cuja família, originária de Warwickshire, viria a estabelecer-se no Condado de Devon no século XVII, passando a sua residência oficial para a Saltram House, "...the largest house in Devonshire" (*The Dictionary of National Biography*. Oxford: Oxford University Press, 1988, vol. XV, p. 249), em Plympton, a curta distância de Plymouth, onde, recentemente, foi rodada a película *Sense and Sensibility* (Hampshire County Council. Saltram House, near Plymouth. *Sense & Sensibility*. Disponível em <http://www.hants.gov.uk/austen/about.html>) [21 Maio 1999]. Merece referência, apenas a título de curiosidade, que este romance, bem como *Pride and Prejudice*, parece ter sido inspirados no ambiente vivido na Saltram House no primeiro quartel do século XIX, conquanto Jane Austen, cujo irmão era o capelão da família, fosse correspondente de Frances Talbot, primeira mulher de John Parker, a quem chegou a ser atribuída a autoria de ambas as obras, inicialmente publicadas anonimamente (*Saltram Guide Book*, op. cit., p. 48).

⁴⁶ *Saltram Guide Book*. op. cit., p. 8.

⁴⁷ Henry Richard Vassal Fox (1773-1840), terceiro Barão de Foxley e Holland, era filho de Stephen Fox, Barão Holland, sobrinho e discípulo de Charles James Fox, cuja simpatia pelo ideário da Revolução Francesa foi, por várias vezes, manifestado na House of Lords. Henry Fox desposou Elizabeth Vassall Fox, conhecida para a posteridade como Lady Holland, que o acompanhou em muitas das suas viagens pelo Continente e partilhou do seu ideário liberal, nomeadamente através da promoção dos célebres salões que, na primeira metade do século XIX, animaram a Holland House. Lord Holland foi membro dos Governos *Whig* de Grey e Melbourne, na qualidade de Chanceler do Ducado de Lencaster. Quanto à Holland House, construída em 1605, por Sir Walter Cope, teve o seu auge no século XIX graças a Lord e Lady Holland. Foi, com efeito, um círculo social, literário e político frequentado por muitas celebridades, incluindo Byron, Lyndock, Melbourne, Mackintosh e o próprio rei George IV. Mas a lista dos convidados da Holland House não se limitou a ingleses eminentes, estendendo-se, também, a diplomatas e "floating continental exiles" (A. Krigel, "Introduction" to *The Holland House Diaries. The Diary of Henry Richard Vassall Fox, third Lord Holland, with extracts from the diary of Dr. John Allen*. London: Routledge & Kegan Paul, 1977, p. XV). Entre tais diplomatas e proscritos, contam-se alguns portugueses célebres, tais como, Palmela, Funchal, Calhariz, Moraes Sarmento, Abreu e Lima, Itabaiana e, talvez, Garrett. A simpatia do Lord Holland por Portugal, torna-se evidente a partir de 1812, quando este decide baptizar o seu jardim — que se estendia ao salão de baile original — de "Portuguese Garden", mas que acabou por mudar de nome para "Dutch Garden" — embora mantenha, ainda, a esfera armilar ao centro —, na sequência de posterior deterioração nas relações Luso-Britânicas — A admiração de Henry Fox por Portugal, em particular pelos liberais, pode, ainda, ser observada em várias entradas do seu Diário e, uma pequena nota isolada nos "Dinner Books" da Holland House, datada de 12 de Junho de 1834, é bem reveladora da sua simpatia sincera pela causa liberal portuguesa: "Lisbon declared... Donã Maria" [Holland House "Dinner Books" (1831-1838), British Library, Add., MSS. 51955].

nham assento na House of Lords, e ambos se opuseram, tal como Palmerston ou Sir James Mackintosh, à política externa de Wellington, pelo menos no que respeita à 'Questão Portuguesa'. Assim, não é de estranhar que Parker, cuja influência se estendia à própria família real inglesa (note-se que o monarca George III e a rainha Charlotte foram seus hóspedes na Saltram House em 1788 ou 89)⁴⁸ tivesse arrendado o seu teatro, que '...à excepção dos dois grandes da capital, é o mais formoso do Reino-Unido...' ⁴⁹, a um grupo de exilados políticos portugueses, a fim de aí representarem o seu *Catão*, isto numa época em que a opinião pública britânica não via, ainda, com bons olhos a causa dos liberais portugueses.

Segundo relatos de alguns emigrados portugueses, tratar-se-ia de um teatro de dimensões bastante razoáveis, que dificilmente caberia na Saltram House; tampouco há notícia de ter existido algum teatro no seu interior, podendo, quanto muito, aventar-se a hipótese da representação ter ocorrido no anfiteatro que fica junto ao lago Laira, ou Lary, localizado na propriedade, e que se forma a partir do estuário do rio Plym.

Por outro lado, asseveram os mesmos autores, que o teatro distava, na geografia de então, poucas milhas de Plymouth. Dado que a Saltram House fica actualmente localizada a três milhas da cidade, fui inicialmente tentado a supor que o Theatre Royal deveria ter-lhe sido contíguo, posição, aliás, que defendi, erradamente, na comunicação apresentada há meses na Maia ⁵⁰. Com efeito, depois de ter reflectido bastante sobre o assunto, conclui que o meu raciocínio incorrera no 'pecado' — cómodo, sem dúvida — de anacronismo: o teatro ficava, em 1828, localizado a escassas milhas de Plymouth, pelo que, passados quase dois séculos — tendo em linha de conta o facto da cidade ter crescido tanto quanto qualquer outra cidade da Inglaterra —, Plymouth se estendeu muito para além deste.

Trata-se, portanto, do Theatre Royal Plymouth sito em George's Place, projectado no início do século XIX pelo arquitecto John Foulston, Esq., — o antepassado remoto do actual Plymouth

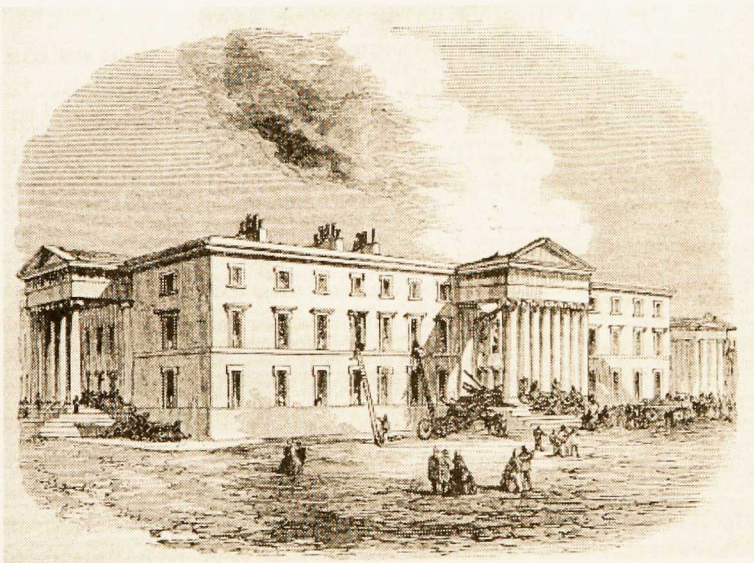
⁴⁸ *The Dictionary of National Biography*, op. cit., vol. XV, p. 249. Segundo John Clarke (*The Life and Times of George III*, London: Weidenfeld and Nicolson, 1972), os monarcas britânicos realizaram uma *tour* pelo sul da Inglaterra em 1789.

⁴⁹ "O porto e quebra-mar de Plymouth". In: *O Panorama*, vol. 3, n. 122 (31 Ago. 1839), p. 274.

⁵⁰ "*Catão* em Plymouth: controvérsias acerca da representação da tragédia em Inglaterra (1828)", op. cit., p. 81.

Theatre Royal Ltd. totalmente remodelado e reaberto em 1983⁵¹ — e que se encontra primorosamente retratado por White, em *1850 History: Gazetteer and Directory of Devonshire*:

The Royal Hotel and Theatre form an extensive and elegant fabric, which was finished in 1813, at the cost of about £60,000 [...]. The north front is 270 feet long, and has in the centre a magnificent portico of the Ionic order, under which are the entrances to the boxes, and to the great hall and staircase of the assembly rooms. The Theatre is spacious and elegant; and the principal supports and framework of the boxes, and all the interior partitions, are of cast iron, and the roof of wrought iron. The *proscenium* is formed by four beautiful marble columns, with gilt bases and capitals, supporting an elegant entablature, from which rises an arch richly empanelled⁵².



Great fire at Plymouth. In: *The Illustrated London News*. London: George C. Leighton. Vol. 42, No. 1184 (17 Jan. 1863), p. 60.

⁵¹ Encontra-se disponível uma fotografia do actual Theatre Royal Plymouth em <http://www.theatreroyal.com/>

⁵² Genulky; Uk & Ireland Genealogy. The Borough of Plymouth. From White's *1850 History: Gazetteer and Directory of Devonshire*. Disponível em <http://www.cs.ncl.ac.uk/people/brian.randell/home.informal/Genealogy/genulky/DEV/Plymouth/Plymouth1850.html> [26 Out. 1999].

Infelizmente, os contactos que estabeleci, quer com o actual Theatre Royal, quer com a Plymouth Local Studies Library, na expectativa de obter informações mais precisas sobre o Teatro original, revelaram-se infrutíferos. As duas instituições informaram não dispor de registos da época, tendo a última, inclusivamente, acrescentado:

We do not have any Plymouth Newspapers dating back to 1828, and our collection of posters and playbills also starts from a much later date. There is no published history of the theatre either, so it appears that no records have survived from this period.

Esta escassez de informações e documentação coeva, parece ter-se ficado a dever ao incêndio que destruiu parcialmente Hotel e Theatre Royal em 6 de Janeiro de 1863, conforme notícia publicada no periódico *The Illustrated London News*:

On the morning of the 6th inst., a fire broke out in an isolated block of buildings at Plymouth, consisting of an hotel, assembly-rooms, and a theatre. [...] the body of theatre was found to be but little damaged by fire, the loss being confined to the vestibule, staircases, refreshment and property rooms⁵³.

Quanto à representação propriamente dita, conhecem-se apenas algumas descrições avulsas e sumaríssimas, sendo a mais completa — e porventura mais fiável — a que se pode ler no já referido artigo publicado no periódico *Devonport Telegraph*:

The second representation of the Portuguese amateurs on Monday last was attended by a very brilliant and crowded audience. General Stubbs was present on this occasion, and on his entrance was loudly cheered. The performances commenced with a very excellently-written piece, referring to the present circumstances of the Constitutionalists, the principal character being most ably sustained its author, Joao Edouardo, who was greeted throughout with warm applause. In the last scene the portrait of Don Pedro was exhibited when the

⁵³ "Great fire at Plymouth". In: *The Illustrated London News*. London: George C. Leighton. Vol. 42, No. 1184 (17 Jan. 1863), p. 60.

Constitutional Hymn was sung with great enthusiasm, the audience joining in the chorus. The tragedy of *Cato* followed. During the interval between the eulogy and tragedy, a report was circulated intimating the death of the usurper Miguel. The scene which ensued no pen (however happy in descriptive powers) can pourtray. The audience spontaneously rose, and with a burst of enthusiastic applause accompanied by vivas, waving of handkerchiefs, and mutual congratulations, testified their joy at the event, and their disapprobation of the despotic tyrant's measures. The Constitutional Hymn was called for, and again sung with rapturous applause; and the evening's performances concluded with the national anthem of God save the King! ⁵⁴

Há, ainda, uma passagem do já citado artigo do *Almanach Insulano*, que descreve o ambiente vivido durante a representação do *Catão*, mas que pelas razões já aduzidas e outras que referirei adiante, não merece grande confiança:

...o desempenho da recita foi primoroso. As palmas e bravos ressoavam na sala, mostrando as pessoas que assistiam ao espectáculo querer fazer sobressahir, como á perfia, o entusiasmo e prazer com que exaltavam e applaudiam o talento dramático dos curiosos actores... ⁵⁵

Relativamente ao público que assistiu às representações do *Catão*, as informações disponíveis são igualmente escassas e pouco precisas. O artigo do *Almanach Insulano*, fornece-nos uma longa lista de nomes de individualidades que teriam estado presentes na hipotética representação de Janeiro de 1829:

A par d'Almeida Garrett, a quem nesta narrativa cumpre prestar a primeira homenagem, via-se o grande general conde de Villa Flor. No mesmo banco com José Estevão e major Menezes commandante dos voluntarios, estavam sentados Passos Manoel, e Passos José. Alli se viam Alexandre Herculano, José da Silva Carvalho, Joaquim Antonio d'Aguiar, Marquez de Loulé, Balthasar d'Almeida

⁵⁴ [Representação do *Catão* em Plymouth]. In: *The Royal Devonport Telegraph & Plymouth Chronicle*. (6 Dec. 1828), p. 3.

⁵⁵ *Almanach Insulano*, op. cit., pp. 228-9.

Pimentel, Simão José da Luz, coronel Xavier, Bernardo de Sá Nogueira, Luiz da Silva Mouzinho d'Albuquerque, Candido José Xavier, Agostinho José Freire, Luiz Pinto de Mendonça Arraes, Antonio Cesar de Vasconcellos Correa, José Maria Baldy, marquez de Ficalho, major Pacheco, Julio Gomes da Silva Sanches, Julio Maximo de Oliveira Pimentel, D. Carlos Mascarenhas, general Pizarro, Joaquim Bento Pereira, João Nepomeceno de Lacerda, Vellez Caldeira, Januario Vicente Camacho, José Victorino Damasio, Joaquim Antonio de Magalhães, Antonio Cabral de Sá Nogueira, Bartholomeu dos Martires, e outros mais que não occorrem de momento á nossa reminiscencia ⁵⁶.

A ser verdade o que se lê nesta lista — que duvido —, estaríamos, porventura, perante o maior 'happening' do liberalismo português de sempre; o problema é que, pelo menos, quatro dos indivíduos mencionados não poderiam ter estado presentes: refiro-me a Joaquim António Magalhães e a Luís Mousinho de Albuquerque, que haviam já partido para o Brasil ⁵⁷, a Alexandre Herculano, que só iria para o desterro — inicialmente para Plymouth e depois para França —, em Agosto ou Setembro de 1831, e a Cândido José Xavier, que, pelo menos há data da segunda representação do *Catão* no Theatre Royal, havia já sido destituído do cargo de director do Depósito Geral de Plymouth, como nos informa Joaquim da Silva Maia: '...retirando-se para Londres C. J. Xavier, donde não voltou mais a Plymouth, e foi substituído pelo General Stubbs' ⁵⁸, sendo que este último nem sequer consta do role, e que, segundo as notícias atrás citadas d'*O Portuguez Emigrado* e *Devonport Telegraph*, também teria assistido à peça.

Referindo-se aos dois artigos de 1881, 'Escavações' e 'Anotações', Amorim queixa-se das mesmas 'fífias', já que 'Não

⁵⁶ *ibid.*

⁵⁷ Amorim, *op. cit.*, vol. 1, pp. 583, referindo-se a dois artigos publicados em jornais de Lisboa da época: "Escavações historicas" e "Anotações".

⁵⁸ Maia, *op. cit.*, p. 178. Esta informação é confirmada num officio do Marquês Palmela, transcrito em a [Ordem do dia N. 93, de 29 de Novembro de 1828, do Comando do Depósito Geral de Plymouth e assinado por Joaquim de Sousa de Quevedo Pizarro]: "[...] Chegou a esta Cidade o Ill.mo Sr. Tenente Gen.al Thomaz G.m Stubbs, que me apresentou o off. que se segue = Ill.mo e Ex.mo Snr. Tenente General Thomaz G.m Stubbs, portador deste off., vai tomar o Comm.do desse Dep.to, em lugar do Sr. Conselheiro Candido Joze Xavier, que pelas suas molestias não pôde continuar naquella Comissão. [...] 25 de Nov.o 1828 = Marquez de Palmella [...]" Ms. A.N.T.T., M.N.E., [Documentos relativos à Legação Portuguesa em Londres] Cx. 161.

podiam ter assistido a ella Candido José Xavier [...] Joaquim Antonio de Magalhães [...] Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque [...] e Alexandre Herculano’⁵⁹. Por isso, face a tanta e tamanha ‘calinada’ e ‘fifia’, os artigos citados não servem de fonte de investigação; pelo contrário, têm sido responsáveis pela proliferação de uma série de imprecisões e erros grosseiros.

Do que não restam dúvidas, é que entre a assistência, maioritariamente constituída por emigrados portugueses, conta-se também um número apreciável de ingleses, entre os quais poderiam ter estado homens ilustres da vida pública britânica, como veremos adiante. Diz-nos Nemésio, que a peça foi muito aplaudida, ‘...but not understood, por algumas famílias de Plymouth, contempladas para esse efeito com algumas amáveis borlas...’⁶⁰

Mas a tal ‘...very brilliant and crowded audience’⁶¹, a que me referi atrás, não se limitou a umas quantas famílias de Plymouth, os ‘locals’, ‘...os Tikenesses, Heydens, e outros muitos...’⁶², entre os quais o cirurgião Richard Freeman, Mayor de Plymouth⁶³; entre a assistência, encontravam-se também homens ilustres da mais alta sociedade britânica, nomeadamente Lord Boringdon, Lord Holland, Lord Palmerston e Sir James Mackintosh? Segundo a Professora Ofélia Paiva Monteiro, existe no *Espólio literário de Garrett*, um conjunto de notas breves que o próprio autor designou de ‘Literatura anglo-portuguesa’, entre as quais escreve, após alusão à representação do *Catão* em Plymouth, os seguintes nomes: ‘Lord Holland — Palmerston — Mackintosh — Palmela’⁶⁴, o que leva a supor que estes homens poderiam ter assistido à peça ou, quanto muito, teriam sido convidados.

Como nota conclusiva, resta-me aguardar que este breve apontamento contribua para o esclarecimento de dúvidas que a representação do *Catão* de Almeida Garrett em Plymouth tem

⁵⁹ Amorim, op. cit., vol. 1, pp. 583-4.

⁶⁰ Nemésio, op. cit., pp. 57-8.

⁶¹ [Representação do *Catão* em Plymouth]. In: *The Royal Devonport Telegraph & Plymouth Chronicle*. (6 Dec. 1828), p. 3.

⁶² *Descripçam das trez cidades unidas: Plymouth, Ston Hause, e Devenport* [poema anónimo]. Angra: Impressam do Governo, 1829, p. 13.

⁶³ Joaquim de Souza de Quevedo Pizarro, *Copia da Carta que o Brigadeiro dirigio ao Maire desta Cidade*. Plymouth: R. W. Stevens, [1828]. — A carta é datada de “High-Street, No. 36, em Plymouth, 3 de Decembro de 1828.” Segundo Joaquim da Silva Maia (op. cit., p. 177), Freeman “...era hum que lá comparecia...”.

⁶⁴ Ofélia Paiva Monteiro, *A Formação de Almeida Garrett: experiência e criação* (2 vols.). Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1971, vol. 2, p. 57, nota n. 146.

suscitado e alertar para a lacuna que constitui a inexistência de uma biografia dos exílios de Almeida Garrett na Inglaterra, que os saiba relatar com pormenor, e às actividades políticas, sociais e literárias que desenvolveu nesses períodos, como está, aliás, por fazer uma história da emigração política portuguesa para a Grã-Bretanha na primeira metade do século XIX.

Bibliografia

- Amorim, Francisco Gomes de, *Garrett: Memórias Biographicas* (3 vols.). Lisboa: Imprensa Nacional, 1881-84
- Anónimo, *Descripçam das trez cidades unidas: Plymouth, Ston Hause, e Devenport* [poema anónimo]. Angra: Impressam do Governo, 1829
- Anónimo, '[Desmentido à notícia da morte de D. Miguel]'. In: *O Portuguez Emigrado: ou o realista constitucional = The Portuguese Emigrant: or constitutional royalist*. — Plymouth: W. W. Arliss. — N. 10 (9 Dec. 1828), p. 74
- Anónimo, 'Great fire at Plymouth'. In: *The Illustrated London News*. London: George C. Leighton. Vol. 42, No. 1184 (17 Jan. 1863), p. 60
- Anónimo, 'O porto e quebra-mar de Plymouth'. In: *O Panorama*, vol. 3, n. 122 (31 Ago. 1839), p. 273-5
- Anónimo, '[Representação do Catão em Plymouth]'. In: *The Royal Devonport Telegraph & Plymouth Chronicle*. (6 Dec. 1828), p. 3
- Anónimo, 'Uma recita em Plymouth'. In: *Almanach Insulano para Açores e Madeira: Estatístico, Histórico e Litterario para o Anno de 1874*. Angra do Heroísmo: Typ. da Terceira. — (1874), p. 228
- Braga, Teófilo, *As Modernas Ideias da Litteratura Portuguesa* (2 vols.). Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1892
- Carvalho, José Liberato Freire de, *Memórias com o titulo de annaes, para a historia do tempo que durou a usurpação de D. Miguel por José Liberato Freire de Carvalho*. Lisboa: Na Imprensa Nevesiana, 1841
- Clarke, John, *The Life and Times of George III*. London: Weidenfels and Nicolson, 1972
- Dias, Luís Augusto Costa, 'Introdução'. In: *Almeida Garrett: obra política — escritos do vintismo (1820-23)*. Lisboa: editorial estampa, imp. 1985
- Dias, Luís Augusto Costa, 'Introdução'. In: *Almeida Garrett: obra política — doutrinação da sociedade liberal (1824-27)*. Lisboa: editorial estampa, 1991
- Dias, Luís Augusto Costa, *Os papelinhos de Garrett*. Sintra: Câmara Municipal, 1988
- Estorninho, Carlos, *Garrett e a Inglaterra*. Lisboa: Faculdade de Letras, 1955

- Fox, Henry Richard Vassal Fox, *The Holland House Diaries. The Diary of Henry Richard Vassall Fox, third Lord Holland, with extracts from the diary of Dr. John Allen*. London: Routledge & Kegan Paul, 1977
- Garrett, J. B. de Almeida, *Obras de Almeida Garrett* (2 vols.). Porto: Lello & Irmão — Editores, 1963
- Maia, Joaquim José da Silva, *Memorias Historicas, Politicas e Philosophicas da Revolução do Porto em Maio de 1828 e dos Emigrados Portuguezes pela Hespanha, Inglaterra, França e Belgica: Obra Postuma de...* Rio de Janeiro: Typographia de Laemmert, 1841
- Midosi, Paulo [Junior], 'Os ensaios do Catão'. In: *Diario de Noticias*. — Lisboa. — A. 14, n. 4551 (11 Out. 1828), p. [1]
- Monteiro, Ofélia Paiva Monteiro, *A Formação de Almeida Garrett: experiência e criação* (2 vols.). Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1971
- Nemésio, Vitorino, *Exilados 1828-1832: História Sentimental e Política do Liberalismo na Emigração*. Lisboa: Livraria Bertrand, [s. d.]
- Pizarro, Joaquim de Quevedo, *Copia da Carta que o Brigadeiro Pizarro dirigio ao Maire desta Cidade*. Plymouth: R. W. Stevens, [1828]
- Raitt, Lia Noémia Raitt, *Garrett and the English Muse*. London: Tamesis Books Limited, 1983
- Reino Unido. Devon. National Trust, *Saltram Guide Book*. Devon: National Trust, 1998
- Soriano, Simão José da Luz, *Historia da Guerra Civil e do Estabelecimento do Governo Parlamentar em Portugal: comprehendendo a historia diplomatica, militar e politica deste reino desde 1777 até 1834*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1883
- Soriano, Simão José da Luz, *Poesias Diversas*. Angra: Imprensa do Governo, 1832
- Soriano, Simão José da Luz, *Revelações da Minha Vida e Memorias de Alguns Factos, e Homens Meus Contemporaneos* (2 vols.). Lisboa: Typographia Universal, 1860
- Sousa, José Baptista de, 'Catão em Plymouth: controvérsias acerca da representação da tragédia em Inglaterra (1828)'. In: 'De Garrett ao neo-garrettismo': *Actas do Colóquio*, Maia: Câmara Municipal da Maia, 1999
- Xavier, Cândido José Xavier [Ofício N. 23, de 15 de Outubro de 1828, ao Marquês de Palmela]. Ms. A.N.T.T., M.N.E., [Documentos relativos à Legação Portuguesa em Londres] Cx. 164